

Hoje tem uma festa no meio do caminho

"Louvo o poeta múltiplo e vário; o amigo Carlos Drummond de Andrade".

Assim Manuel Bandeira saudou o nosso poeta maior, do qual todos nós nos orgulhamos.

As faces de Drummond são realmente múltiplas e fascinantes, envolventes, sedutoras nas palavras que se organizam em poesia e prosa.

Fala de Minas, da cidade natal Itabira, de muitas outras cidadezinhas, lamenta Belo Horizonte, louva o Rio de Janeiro. Conta a infância do menino antigo, o sentimento do mundo, o claro enigma da vida, saúda os companheiros poetas, gosta de futebol e de cinema, louva as bibliotecas e os livros, canta o amor e a mulher amada.

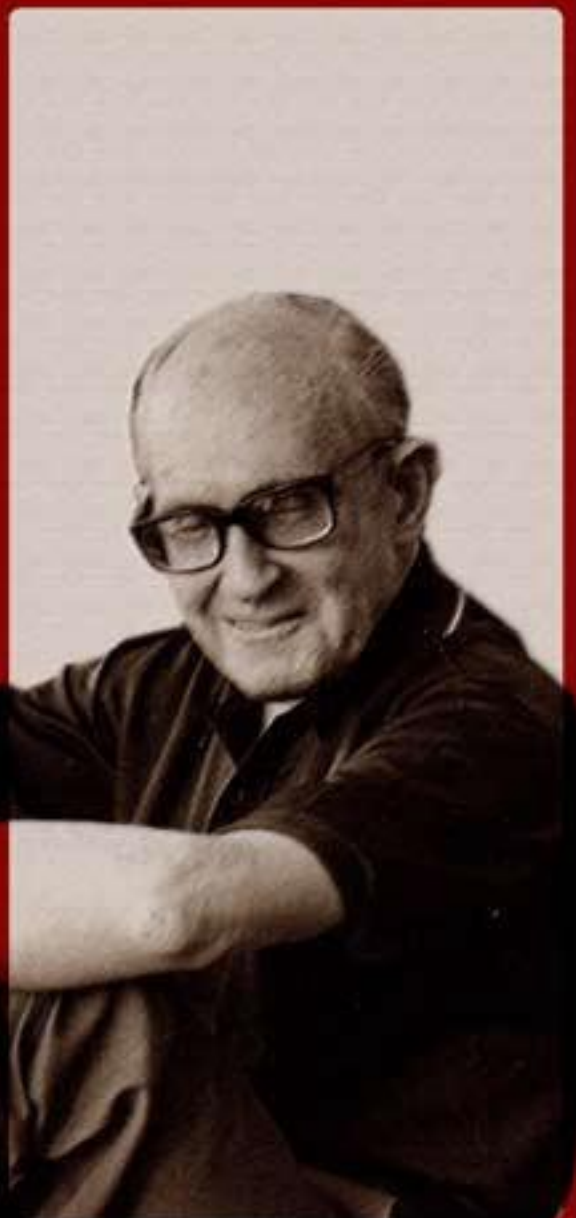
A sua luta não foi a luta mais vã. Deixou raízes, deixou alegrias.

A Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, unidade da Secretaria de Estado de Cultura, em 2002, com o apoio do SESC Serviço Social do Comércio, instituição importante no apoio às bibliotecas públicas, elaborou exposição comemorativa do centenário de nascimento do grande poeta. Desde então inúmeras cidades mineiras, através de suas bibliotecas públicas municipais, têm feito "uma festa no meio do caminho" com muita poesia, emocionando leitores de todas as idades.

A rede de bibliotecas públicas municipais que naquele momento do centenário tinha 600 instituições, hoje, 2007, já cobre todo o território mineiro. A Superintendência de Bibliotecas decidiu então relançar a mais procurada de suas exposições. São banners contendo trechos de alguns dos poemas mais significativos da obra de Drummond.

Esperamos que a festa em torno da leitura continue.

Maria Augusta do Nóbrega Cesarino
Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais



VIDA E OBRA

1902 nasce em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, em 31 de outubro, nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e D. Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito, em Belo Horizonte, onde conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco.

1918 aluno interno no Colégio Anchieta da Companhia de Jesus em Nova Friburgo; é laureado em "certames literários". No ano seguinte, é expulso do colégio por insubordinação mental.

1920 muda-se com a família para Belo Horizonte.

1921 publica seus primeiros trabalhos na seção "Socials" do Diário de Minas.

Conhece Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Anibal Machado, Pedro Nova, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, todos freqüentadores do Café Estrela e da Uivraria Alves.

1923 entra para a Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

1928 nasce, no dia 4 de março, sua filha Maria Julieta, que se tornará sua grande companheira e confidente ao longo da vida.

Publica, na Revista de Antropofagia de São Paulo, o poema "No meio do caminho", que se torna um dos maiores escândalos literários do Brasil.

1930 publica seu primeiro livro, Alguma poesia, em edição de 500 exemplares paga pelo autor, sob o selo imaginário Edições Pindorama, criado por Eduardo Frieiro.

1934 trabalha como redator nos jornais Minas Gerais, Estado de Minas e Diário da Tarde, simultaneamente.

Publica Brejo das almas, em edição de 200 exemplares, pela cooperativa Os Amigos do Livro.

Muda-se com Dolores e Maria Julieta para o Rio de Janeiro, onde passa a trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro de Educação e Saúde Pública.

1940/1948 publica Sentimento do mundo, em tiragem de 150 exemplares, distribuídos entre amigos. A livraria José Olympio, primeira editora a publicar a obra do poeta, lança o livro Poesias, em 1942. Nos anos seguintes saem Confissões de Minas, A rosa do povo e Poesia até agora. Em 1945, deixa o gabinete de Gustavo Capanema, sem nenhum atrito com este, e a convite de Rodrigo de Melo Franco Andrade, vai trabalhar no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

1951/1986 são publicados os livros Claro enigma, Contos de aprendiz, A mesa, Passeios na ilha, Viola de Bolso, Fazendeiro do ar & poesia até agora, Viola de bolso novamente encordada, 50 poemas escolhidos pelo autor, Fala, amendoadoiro, Ciclo,

Lição de coisas, Antologia poética, A bolsa e a vida, a primeira edição da Obra Completa pelo Aguilar, em colaboração com Manuel Bandeira Rio de Janeiro em prosa & verso, Cadeira de balanço, Versiprosa, José e outros, Mundo vasto mundo, Uma pedra no meio do caminho, Minas Gerais (Brasil, terra & alma), Boitempo & A falta que ama, Reunião (dez livros de poesia), Caminhos de João Brandão, Seleta em prosa e verso, O poder ultrajovem, As impurezas do branco, Menino antigo - boitempo II, Amor, amores, A visita, Discurso de primavera e algumas sombras, Os dias lindos, 70 historinhas, O marginal Clarindo Gato, Poesia e prosa (5ª edição), Esquecer para lembrar boitempo III, Contos plausíveis, O pipoqueiro da esquina, A lição do amigo contos de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, Nova reunião (19 livros de poesia), O elefante, Boca de luar, Corpo, Amar se aprende amando, O observador no escritório (memórias), História de dois amores (infantil), Amor, sinal estranho e Tempo, vida, poesia.

1982 ano do 80º aniversário do poeta, Drummond recebe homenagens das principais jornais do país, de várias universidades, de grandes e pequenas instituições. O Brasil todo reverencia seu poeta maior.

1984 após 41 anos despede-se da casa do velho amigo José Olympio e assina contrato com a Editora Record, que publica sua obra até hoje. Também se despede do Jornal do Brasil, depois de 64 anos de trabalho jornalístico, com a crônica "Ciao".

1987 no 31 de janeiro escreve seu último poema, "Elegia a um tucano morto" que passa a integrar Farewell, último livro organizado pelo poeta.

É homenageado pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira, com o samba enredo "No reino das palavras", que vence o carnaval do Rio de Janeiro.

No dia 5 de agosto, depois de dois meses de internação, falece sua filha Maria Julieta, vítima de câncer. "Assim terminou a vida da pessoa que mais amei neste mundo", escreve num diário. Doze dias depois falece o poeta, de problemas cardíacos e é enterrado junto à sua filha Maria Julieta no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro.

O poeta deixou obras inéditas posteriormente publicadas e tem várias de suas obras traduzidas para diversas línguas. Foi também um grande tradutor para o português de obras clássicas da literatura universal.

INFÂNCIA

A Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóe.
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninhar nas longes do senzala — e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem o preto velho
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
— Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóe.

do livro **ALGUMA POESIA**



NÃO SE MATE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê, praquê.

Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.

do livro BREJO DAS ALMAS





JOSÉ

É agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,

cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

É agora, José?
sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,

sua incoerência,
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você consasse,

se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

do livro JOSÉ



SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista

que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

esse amanhecer
mais noite que a noite.

do livro SENTIMENTO DO MUNDO



POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

do livro **ALGUMA POESIA**

O ENTERRADO VIVO

É sempre no passado aquele orgasmo,
é sempre no presente aquele duplo,
é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
É sempre no meu tédio aquele aceno.
É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
Sempre na minha firma a antiga fúria.
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
É sempre nos meus lábios a estampilha.
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
Sempre dentro de mim meu inimigo.
É sempre no meu sempre a mesma ausência.

do livro FAZENDEIRO DO AR

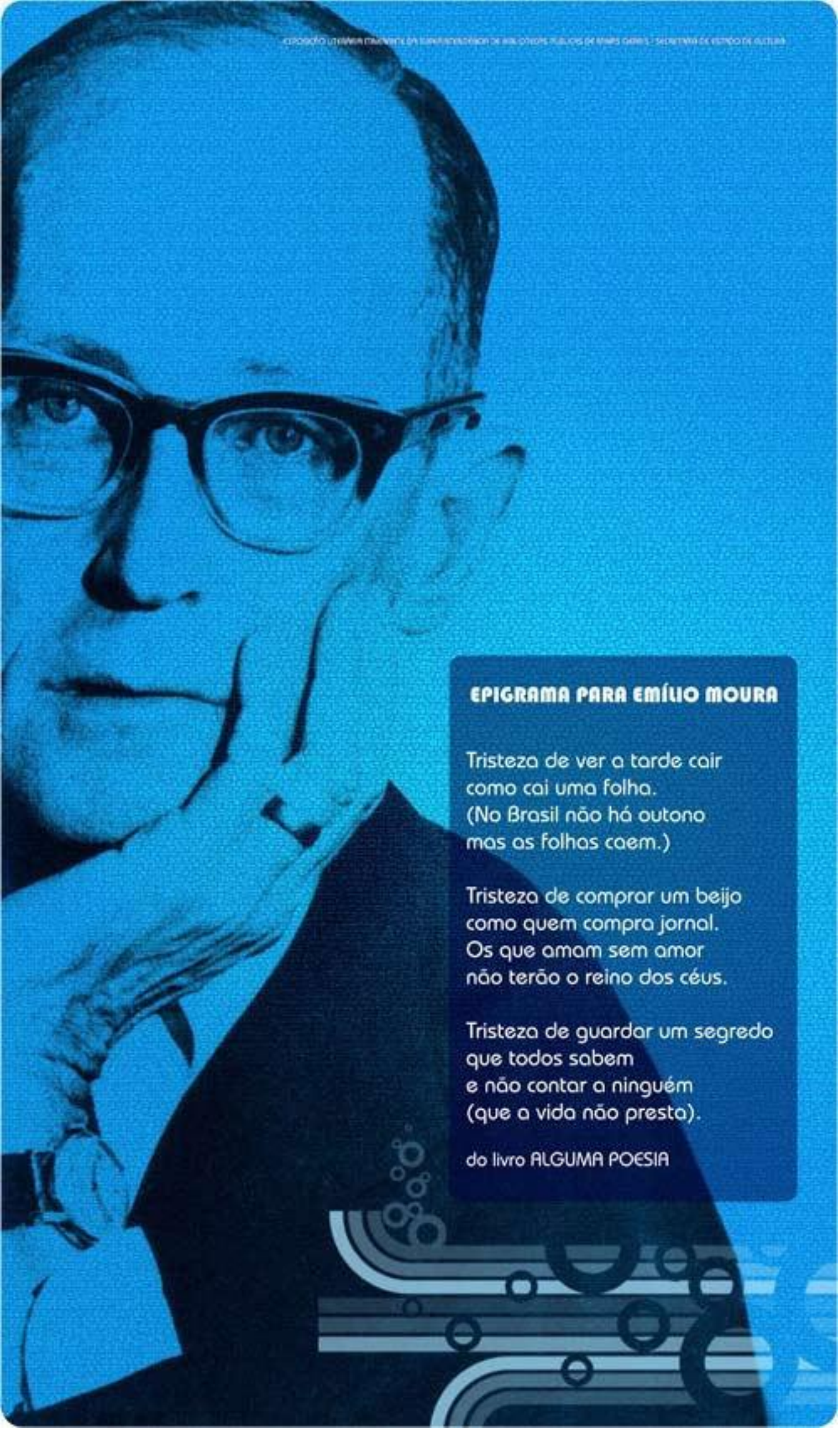
NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

do livro *ALGUMA POESIA*.





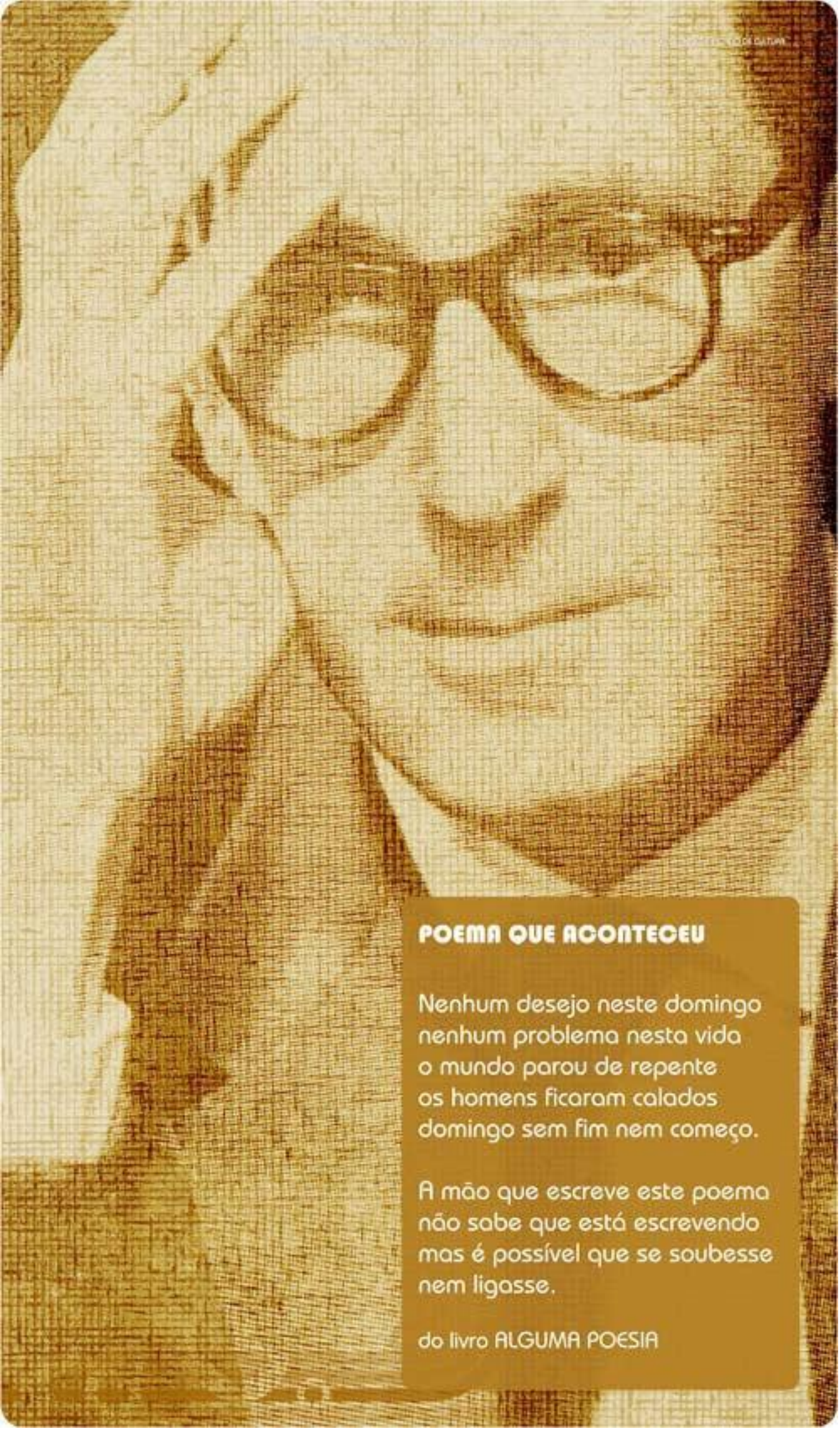
EPIGRAMA PARA EMÍLIO MOURA

Tristeza de ver a tarde cair
como cai uma folha.
(No Brasil não há outono
mas as folhas caem.)

Tristeza de comprar um beijo
como quem compra jornal.
Os que amam sem amor
não terão o reino dos céus.

Tristeza de guardar um segredo
que todos sabem
e não contar a ninguém
(que a vida não presta).

do livro **ALGUMA POESIA**



POEMA QUE ACONTECEU

Nenhum desejo neste domingo
nenhum problema nesta vida
o mundo parou de repente
os homens ficaram calados
domingo sem fim nem começo.

A mão que escreve este poema
não sabe que está escrevendo
mas é possível que se soubesse
nem ligasse.

do livro **ALGUMA POESIA**

PRECE DE MINEIRO NO RIO

Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui de nascença e a vida esgarça:
não quero ser um móvel num imóvel,
quero firme e discreto o meu amor,
meu gesto seja sempre natural,
mesmo brusco ou pesado, e só me punja
a saudade da pátria imaginária.
Essa mesma, não muito. Balançando
entre o real e o irreal, quero viver
como é de tua essência e nos segredos,
capaz de dedicar-me em corpo e alma,
sem apego servil ainda o mais brando.
Por vezes, emudeces. Não te sinto
a soprar da azulada serra
onde galopam sombras e memórias
de gente que, de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.
Outras vezes te invocam, mas negando-te,
como se colhe e se espezinha a rosa.
Os que zombam de ti não te conhecem
o força com que, esquivo, te retrais
e mais límpido quedas, como ausente,
quanto mais te penetra a realidade.
Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,
no secreto semblante da verdade.
Espírito mineiro, circunspecto
talvez, mas encerrando uma partícula
de fogo embriagador, que lavra súbito,
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:
não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um portulano ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som. Minas Gerais.

do livro A VIDA PASSADA A LIMPO

POEMA PATÉTICO

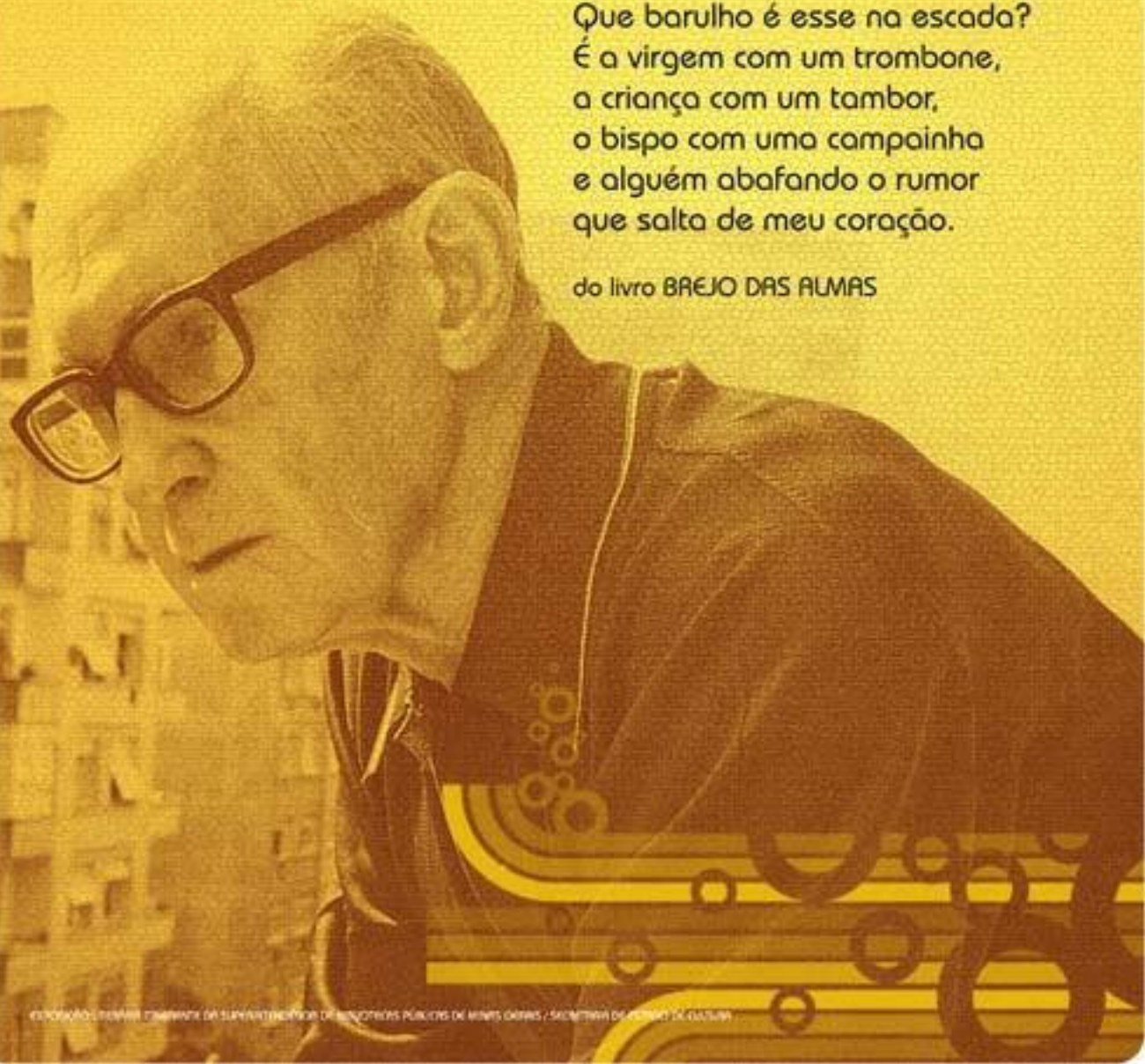
Que barulho é esse na escada?
É o amor que está acabando,
é o homem que fechou a porta
e se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?
É Guiomar que tapou os olhos
e se assoou com estrondo.
É a lua imóvel sobre os pratos
e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?
É a torneira pingando água,
é o lamento imperceptível
de alguém que perdeu no jogo
enquanto a banda de música
vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?
É a virgem com um trombone,
a criança com um tambor,
o bispo com uma campainha
e alguém abafando o rumor
que salta de meu coração.

do livro **BREJO DAS ALMAS**



PARA SEMPRE

Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?

Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.

Morrer acontece
com o que é breve e passa
sem deixar vestígio.

Mãe, na sua graça,
é eternidade.

Por que Deus se lembra
- mistério profundo -
de tirá-la um dia?

Fosse eu Rei do Mundo,
baixava uma lei:

Mãe não morre nunca,
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.

do livro UÇÃO DE COISAS

Dolores e Maria Julieta - 1932



MEMÓRIA

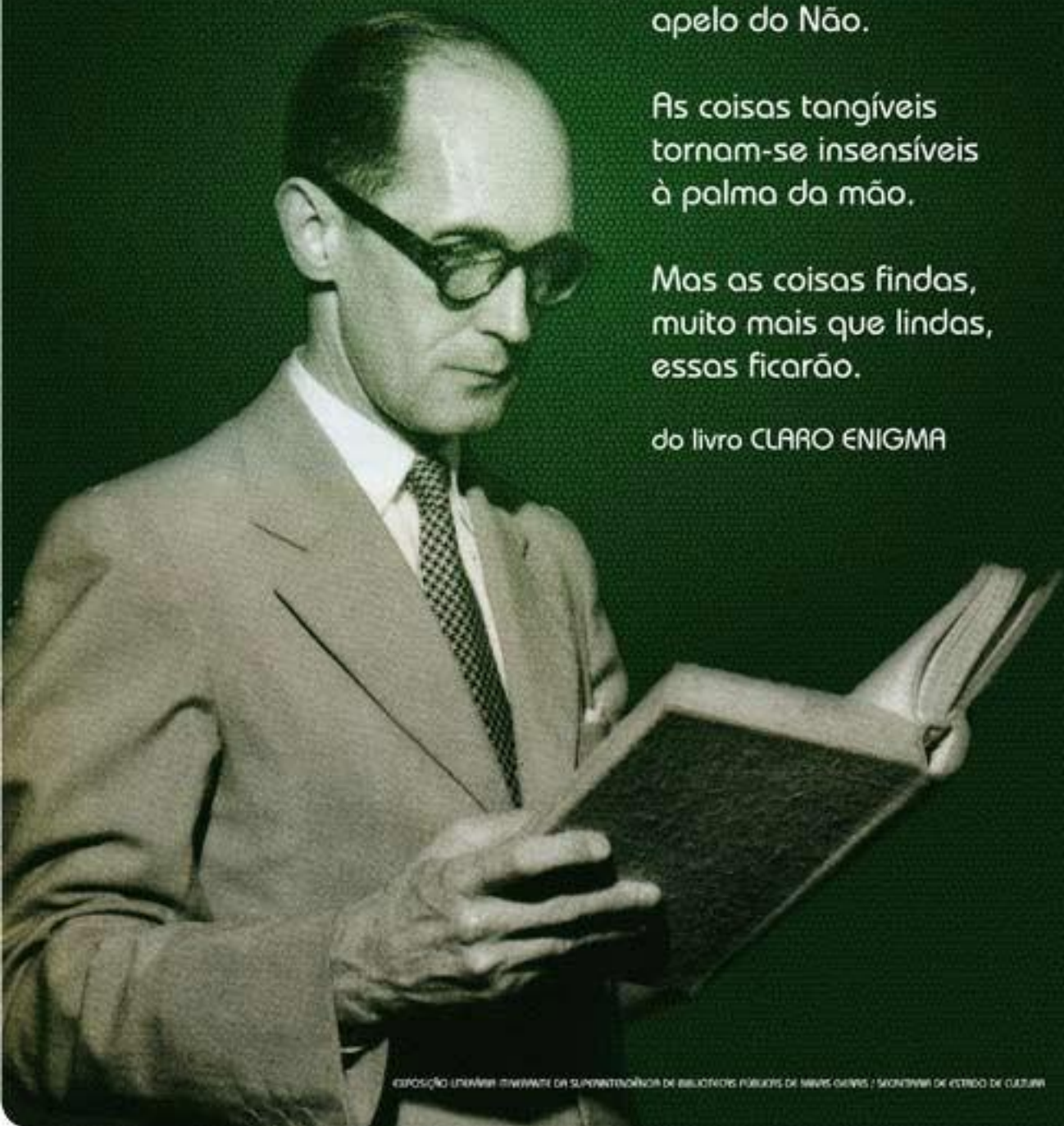
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

do livro CLARO ENIGMA



O QUARTO EM DESORDEM

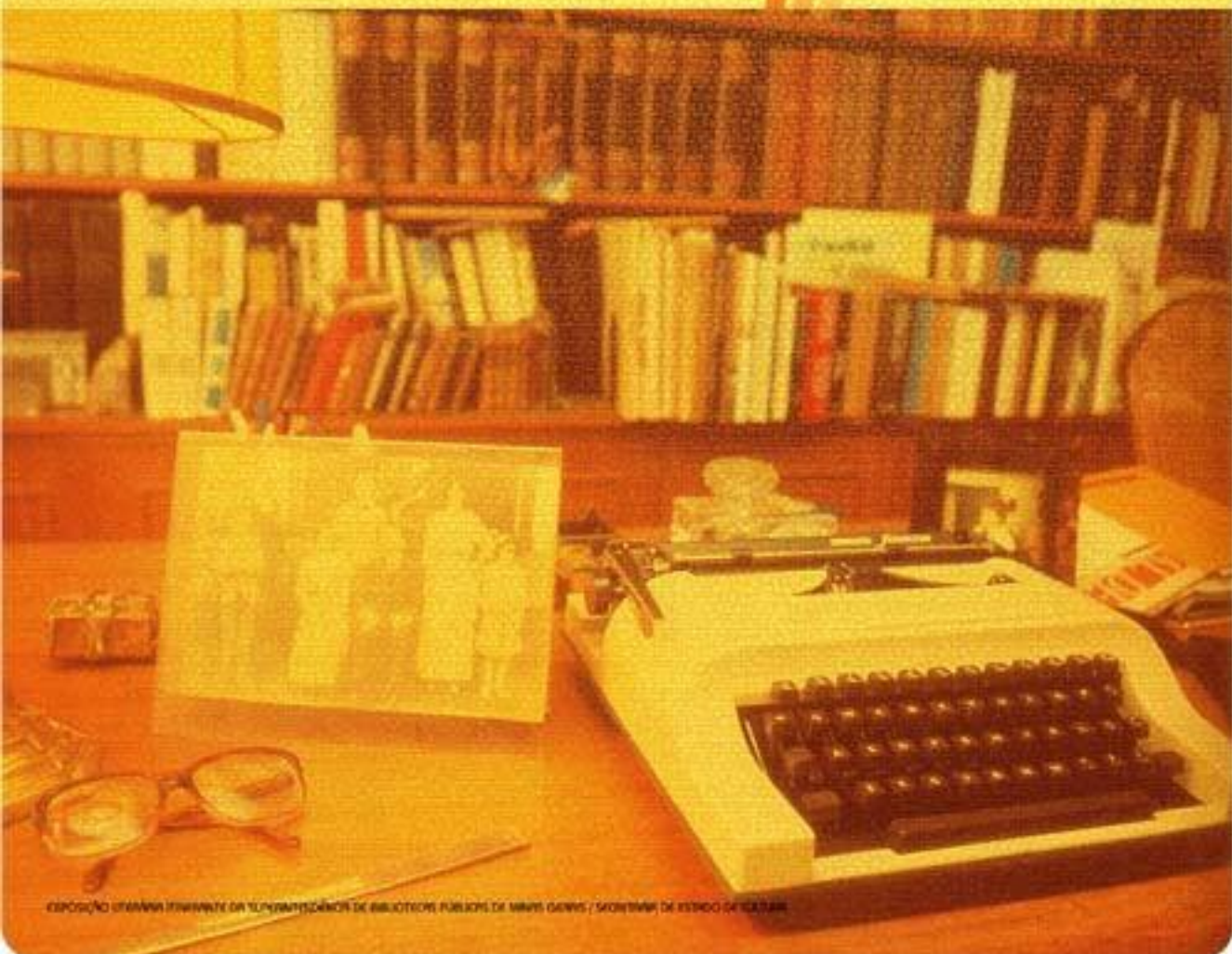
Na curva perigosa dos cinquenta
derrapei neste amor. Que dor! que pétala
sensível e secreta me atormenta
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,
na quinta-essência da palavra, e mudo
de natural silêncio já não cabe
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui
nesse objeto mais vago do que nuvem
e mais defeso, corpol corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,
e esse cavalo solto pela cama,
a passear o peito de quem ama.

do livro FAZENDEIRO DO AR



AMAR

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunta, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa
marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples
ânsia?

Amar solenemente as palmas do
deserto,
o que é entrega ou adoração
expectante,

e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho,
e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas péfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa
ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura
medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na
secura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e
a sede infinita.

do livro CLARO ENIGMA



CONSOLO NA PRAIA

Perdeste o melhor amigo.
A vida ficou mais perdida.
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis carro, navio, terra.
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o *humour*?

A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.

Tudo sonhado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás na areia, no vento...
Dorme, meu filho.

de LILIANA ROSA DO POVO

A ILUSÃO DO MIGRANTE

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?)
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoma incessantemente
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Aí de mim, nunca sai.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente, enganado, enganoso.

do livro FAREWELL



VERSOS DE FIM DE ANO

I
Você sabia que a lua
Ainda não foi visitada?
Que há sempre uma lua nova
Dentro de outra, e encantada?

É lá que vivem as graças
Que nesta quadra do ano
A gente sonha e deseja
A todo o gênero humano.

Mas a lua, preguiçosa,
Nem sempre atende à pedida?
A gente pede assim mesmo
Até melhorar a vida.

II
É tempo de pesquisar no tempo
Uma estrela nova, um sorriso;
De dizer à nuvem: sê escultura;
E à escultura: sê nuvem.
Tempo de desejar, tempo de pensar
Madura e docemente o bom de acontecer
(e mesmo não acontecendo fica desejado),
Pássaro mensageiro, traço
Entre vida e esperança
Como satélite no espaço.

III
Na volta da esperança,
Um princípio de vida:
Ser outra vez criança
Por toda, toda a vida.

IV
N ácar
álide
apéia
ardo
ascente

A lba nítida
Lva nínfa
Ima nívea
lta nuvem
lacre nune
no novo

do livro VIOLA DE BOLSO III



CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
É esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
É o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

do livro SENTIMENTO DO MUNDO

Exposição Comemorativa do Centenário
"Carlos Drummond de Andrade"
1902- 2002



QUADRIHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Do livro **ALGUMA POESIA**





SESTA

A família mineira
está quentando sol
sentada no chão
calada e feliz.
O filho mais moço
olha para o céu,
para o sol não,
para o cacho de bananas.
Corta ele, pai.
O pai corta o cacho
e distribui pra todos.
A família mineira
está comendo banana.

A filha mais velha
coça uma pereba
bem acima do joelho.
A saia não esconde
A coxa morena
sólida construída,
mas ninguém repara.
Os olhos se perdem
na linha ondulada
do horizonte próximo
(o cerco da horta).
A família mineira
olha para dentro.

O filho mais velho
canta uma cantiga
nem triste nem alegre,
uma cantiga apenas
mole que adormece.
Só um mosquito rápido
mostra inquietação.
O filho mais moço
ergue o braço rude
enxota o importuno.
A família mineira
está dormindo ao sol.

do livro *ALGUMA POESIA*

Carlos Drummond



As exposições literárias itinerantes criadas pela Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais fazem parte do Programa de incentivo à leitura da Secretaria de Estado de Cultura junto às Bibliotecas Públicas Municipais.

Cada mostra, constituída de banners ou painéis, contém a síntese da obra de um autor ou extratos de um livro muito significativo na história da literatura ou ainda textos relacionados a um tema de interesse dos leitores da biblioteca pública. A eles as exposições são destinadas visando despertar, motivar e renovar o prazer da leitura literária.

Governador do Estado de Minas Gerais: Aécio Neves

Vice-governador: Antônio Augusto Junho Anastasia

Secretária de Estado de Cultura: Eleonora Santa Rosa

Secretário-adjunto de Estado de Cultura: Marcelo Braga de Freitas

Superintendente de Bibliotecas Públicas: Maria Augusta da Nóbrega Cesarino

Diretora de Ação de Incentivo à Leitura: Fabíola Farias

Designer Gráfico: Luciano Lima

Realização



Superintendência de Bibliotecas Públicas
Minas Gerais

Apoio



CEMIG

